



## A TEOLOGIA RETRIBUTIVA NO LIVRO DE JÓ E EM COMUNIDADES CRISTÃS-CATÓLICAS

Óberson Isac Dresch\*

### RESUMO:

Este trabalho visa analisar a presença da concepção teológica retributiva no livro de Jó e, de forma paralela e recorrente, sua incidência no cotidiano de comunidades cristãs-católicas, contribuindo para repensar o fazer teológico atual. O texto está organizado em três partes: Na primeira, apresenta algumas concepções a respeito da Teologia da Retribuição; em seguida, destaca a influência desta teologia nas falas dos personagens presentes entre os 42 capítulos do livro de Jó, apontando a coexistência de gêneros literários diferentes; por fim, interpreta os desafios a serem considerados pelo fazer teológico no contexto da realidade pastoral do início do século XXI. A hipótese é de que leituras e imagens teológicas impregnadas pela noção de retribuição fundamentam muitos diálogos do livro de Jó, e que compreensões similares estão presentes também na própria linguagem e atuação pastoral de hoje. O estudo faz uma leitura histórico-interpretativa das implicações ou consequências da Teologia da Retribuição na vida das pessoas contemporâneas à época do livro de Jó (séculos VI-IV a.C.) e das nossas comunidades eclesiais, destacando os perigos da manipulação teológica feita por líderes religiosos. As referências são basicamente bibliográficas, a partir de autores como Azevedo, Dietrich, Gutiérrez, Heinem, Lévêque, Storniolo, Terrien, Vaage, Wolde. Em suma, a pergunta pelos “Jós de ontem e de hoje” tem suas respostas na concreta caminhada de fé daqueles que acreditam e se guiam pelo seu acreditar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teologia da Retribuição. Jó. Comunidades cristãs-católicas. Fazer teológico.

### INTRODUÇÃO

Os estudos teológicos instigam-nos a refletir a fundo as relações concebidas entre os seres humanos e Deus. Se retomarmos a palavra Teologia no seu significado original no idioma grego, podemos traduzi-la como o esforço inesgotável de verbalizar Deus ou a tentativa de compreender as diferentes formas pelas quais o divino se fez e se faz carne e continua a habitar entre nós. Nessas verbalizações, diferentes vozes entram em diálogo, e precisam de momentos de fala e de escuta para se compreenderem; caso contrário, serão palavras vazias ditas em meio a confusão babélica do desentendimento.

\* Doutorando em Educação nas Ciências, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. E-mail: obersac@yahoo.com.br.

O livro de Jó<sup>1</sup> é perpassado por essa convergência entre o humano e o divino. Ambos entram em relação, em vias de mão dupla, mas também com falas distintas e até conflitantes. Às vezes parece ser Deus a tomar iniciativa; outras, Jó. Seja na abundância, no sofrimento, no confronto, na contemplação, na fala dos amigos, de Satã, da esposa, enfim, na própria existência de Jó, o conjunto da obra está construído nas bases de uma teologia que merece ser investigada e conhecida.

O objetivo deste trabalho é conhecer a Teologia da Retribuição e perceber como ela aparece na literatura de Jó e nas comunidades cristãs-católicas, analisando, a partir disso, o nosso fazer teológico. Haveria, ainda, sinais reveladores de teologia(s) relacionada(s) ao princípio da retribuição em nossa pastoral? É possível ler Jó em nosso contexto e encontrar situações ou pessoas que se identificam com esse personagem conhecido por sua paciência, mas que, através de sua “rebelia”, é símbolo de indignação contra “uma religião ópio do povo”?

### **O que é Teologia da Retribuição?**

A crença numa justiça divina está bastante presente ao longo de nossa história milenar. Desde os primeiros textos bíblicos ou do tempo que estes fazem referência, muitos de nós partilhamos da crença em um Deus justo. Esperamos que Ele recompense todos aqueles que fazem o bem e, conseqüentemente, castigue os que agem maldosamente. “Com isso julgamos implicitamente que a causalidade é um conceito básico no campo da moralidade: pressupomos um equilíbrio retribucional, de que Deus é o supervisor e o fiador”<sup>2</sup>.

A noção de uma recompensa divina incidia no dia-a-dia das pessoas já no antigo Israel, determinando muitos aspectos de sua vivência diária. A doutrina retributiva “postula que Deus recompensa neste mundo o bem com o bem e o mal com o mal. Deus é justo e não divide indiscriminadamente felicidade e infelicidade,

---

<sup>1</sup> Esta é uma obra elaborada, muito provavelmente, entre os anos 500 e 350 antes da Era Cristã. Classificada entre a literatura sapiencial, ela contém, ao longo de seus 42 capítulos, uma variedade de aspectos literários muito ricos. Se, por um lado, o livro é tido como uma obra difícil de ser compreendida, por outro, seu conteúdo possibilita leituras bem incisivas em nossa vida, especialmente, em nosso caso, no que se refere à Teologia da Retribuição.

<sup>2</sup> WOLDE, Ellen Van. Perspectivas diferentes sobre fé e justiça. O Deus de Jacó e o Deus de Jó. *Concilium*, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 307, p. 17 – 24, 2002. p. 17.

mas abençoa o piedoso e pune o ímpio”<sup>3</sup>. O sofrimento, portanto, é fruto da conduta pecaminosa dos “degradados filhos de Eva”<sup>4</sup>, daqueles que se desviaram dos preceitos estabelecidos pela Lei (Torah, dogmas da Igreja Católica, Direito Canônico?).

Na leitura de Murphy, a crença da recompensa divina tem seu nascedouro na tradição sapiencial. De acordo com o autor, “dentro da tradição sapiencial emergiu uma doutrina um tanto rígida sobre a recompensa que os sábios viam acontecer na realidade: boas ações atraem o bem, e ação má provoca o mal”<sup>5</sup>. Com base nessa tradição, o sábio é aquele que conhece a ordem do cosmos e se comporta em conformidade com essa norma. Deus agiria segundo tal dinâmica.

Ser retribuído significa ser aprovado pelo juízo de Deus; “es recibir recompensa o castigo según lo que uno hace”<sup>6</sup>. A maneira como me comporto, conduzo meu existir e realizo o meu dia-a-dia, interfere na natureza da resposta divina. A oportunidade de escolha está presente em cada ser humano, podendo este direcionar seus atos de acordo com os princípios que regem sua vida. Nesse sentido, a retribuição é abordada sob uma ótica mais individual, defendendo que o homem é o único responsável pelo seu destino. Os justos podem salvar a si mesmos. Cada qual, a todo momento, tem nas mãos o seu próprio destino, podendo comprometê-lo ou redirecioná-lo.

Em referência ao contexto da redação do livro de Jó, Dietrich entende que a chave principal de leitura da Teologia da Retribuição estava fundamentada na ideia de que “Deus governava a vida social, dando fartura e felicidade aos trabalhadores e honestos e castigando, com sofrimento e pobreza, os injustos. Assim Deus exercia seu senhorio e sua soberania. Assim Deus agia na história”<sup>7</sup>. O autor relaciona essa doutrina à teologia propagada pelo sistema do Templo, que exigia uma obediência irrestrita à Lei e aos seus preceitos (por exemplo: puro x impuro). Ela representaria a oficialidade da época e estaria imbuída de um espírito ideológico mistificador e legitimador da sociedade. A riqueza, portanto, era vista pelo público como justiça e

<sup>3</sup> AZEVEDO, Walmor Oliveira de. O homem e a existência na literatura sapiencial. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 48, p. 19 – 24, 1996. p. 21.

<sup>4</sup> Trecho da oração “Salve Rainha”, presente na liturgia católica.

<sup>5</sup> MURPHY, Roland E. *Jó e Salmos*. Encontro e confronto com Deus. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 75-76.

<sup>6</sup> LEON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona, ESP: Herder, 1966. p. 691.

<sup>7</sup> DIETRICH, Luiz José. Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 30, p. 32 - 43, 1991. p. 31.

bênção divina, enquanto que a miséria e a doença estavam vinculadas ao castigo de Deus, tornando os pobres e doentes vítimas de discriminação e preconceitos.

De acordo com a lógica do templo, o que importava mesmo era incutir

na cabeça das pessoas a ideia de que elas mesmas são responsáveis por suas desgraças e infortúnios. Isso era especialmente interessante para o empreendimento religioso no templo. Havia um conjunto de leis e normas que deveriam ser observados para que o 'fiel' estivesse nas boas graças de seu Deus. Disso faziam partes promessas e ofertas a serem dadas<sup>8</sup>.

Também hoje, muitos estão condicionados por esse complicado sistema de promessas e ofertas. Tal compreensão desencadeia como que um conjunto de obrigações religiosas a serem cumpridas (desobrigas), levando as pessoas a agirem sempre na espera de uma contrapartida. Por exemplo, eu ofereço meu "dízimo" à Igreja para usufruir de meus direitos enquanto fiel ou para "agradar a Deus". Ou, então, frequento a missa semanalmente para receber as bênçãos divinas, afinal, "domingo sem missa, semana sem graça" (expressão popular).

De acordo com Rossi, "uma possível expressão da Teologia da Retribuição em ambiente pós-moderno é a 'teologia da prosperidade'. Uma teologia que afirma que o plano de Deus para o ser humano é fazê-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em tudo"<sup>9</sup>. Em consonância a tal perspectiva, "Deus é quem dá riqueza para alguns e a pobreza para outros. Dessa forma, os ricos são ricos e continuam ricos porque são justos. E os pobres são pobres e possivelmente continuarão pobres porque não confiaram na justiça de Deus, ou seja, são pecadores"<sup>10</sup>.

Em suma, Teologia da Retribuição é a crença de que todas as ações humanas recebem uma resposta proporcional de Deus, podendo ser direcionada ao indivíduo e/ou a coletividade. Por exemplo, se o indivíduo pecar, ele receberá em vida e/ou na sua descendência uma punição respectiva aos seus pecados. De outro modo, se o indivíduo fizer o bem a Deus e aos outros homens, a recompensa ou a bênção divina virá sobre si, seus familiares e suas posses. Trata-se, pois, de uma concepção tradicional segundo a qual o mal, a pobreza, a doença e o sofrimento são

<sup>8</sup> REIMER, Haroldo. *Eclesiastes e a ruptura com a Teologia da Retribuição*. Disponível em: <[http://www.haroldoreimer.pro.br/Eclesiastes/ruptura\\_com\\_a\\_teatologia.htm](http://www.haroldoreimer.pro.br/Eclesiastes/ruptura_com_a_teatologia.htm)> Acesso em: 15 out. 2008 - 11:23. (Originalmente publicado em REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes. A sabedoria do viver e conviver*. CEBI, São Leopoldo, RS, p. 31 – 33, 2006).

<sup>9</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Teologia do Sofrimento: uma leitura a partir de Jó*. Disponível em: <[http://www.espacodasophia.com.br/edicoes\\_antteriores/07-07/colaboradores/luiz\\_alexandre/luiz.pdf](http://www.espacodasophia.com.br/edicoes_antteriores/07-07/colaboradores/luiz_alexandre/luiz.pdf)> Acesso em 14 out. 2008 – 14:32. p. 78.

<sup>10</sup> ROSSI, 2008, p. 78.

respostas ao pecado e que as graças, as riquezas, a saúde e a felicidade, por sua vez, são consequências de uma vivência justa.

### **A Teologia Retributiva no livro de Jó**

O conteúdo do livro de Jó é complexo: a transcendência de Deus, a problemática do mal, o sofrimento humano, a amizade, o falar sobre Deus, etc. Todas essas temáticas e outras paralelas, presentes nesse escrito sapiencial, constituem a fonte de diferentes estudos, ora ressaltando mais um aspecto, ora outros. Neste trabalho, o objeto de análise será uma questão clássica e relevante no texto de Jó: a Teologia da Retribuição.

A obra é formada por uma moldura em prosa (Jó 1 – 2 e 42,7-17), que abre e fecha uma longa discussão de Jó com seus amigos (Elifaz, Baldad e Sofar), com Eliú e com Deus (Jó 3 – 42,6). Esta parte em prosa seria um antigo relato de caráter popular que o autor do livro de Jó encontrou e distribuiu no início e final do livro, colocando na ampla parte central (Jó 3 – 42,6) a seção poética elaborada por ele próprio. Embora seja uma parte bem menor do que todo o “miolo”, ela é imprescindível para interpretar o conjunto da obra, por colocar em questão aspectos relevantes da vida: vida e morte; felicidade e infortúnio; bênção e desgraça.

O contato inicial com o livro de Jó exige uma “postura defensiva”, atenta a cada versículo redigido. Requer, igualmente, a humildade interpretativa do leitor, a fim de buscar conclusões precipitadas que colocariam em risco o conjunto da obra. Quem se aproximar do livro de Jó apressadamente corre o risco de não ser justo nem ao livro nem a sua importância e sentido para a religiosidade judaico-cristã. Essa relevância “não se esgota no ‘como’ os problemas e questões são postos e respondidos. A poesia de Jó brotou da vida vivida e espelha um processo de aprendizado na fé, que abarca a existência humana inteira”<sup>11</sup>.

Para Azevedo, “o livro de Jó pertence ao estágio em que a ideia da retribuição individual nesta vida ia palpavelmente de encontro às dificuldades práticas insolúveis”<sup>12</sup>. Diante de uma situação calamitosa de difícil aceitação, predomina uma explicação fundamentada na retribuição. Neste contexto, a pobreza, a enfermidade e

---

<sup>11</sup> HEINEM, Karl. *O Deus Indisponível*. O livro de Jó. Trad. J. Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 135.

<sup>12</sup> AZEVEDO, 1996, p. 23.

todos os tipos de desgraças são castigos provenientes de Deus perante as faltas pessoais ou familiares cometidas. Jó, conseqüentemente, não passaria de um pecador para seus contemporâneos, caso contrário não estaria na situação que se encontra; de um sujeito rico e importante, não se tornaria pobre e enfermo. Seu sofrimento, em suma, só pode ser fruto de uma grave injustiça.

Na leitura de Gutiérrez,

a questão que preocupa o autor é a possibilidade de uma religião desinteressada, de um crer por nada. (...) Para considerar essa eventualidade, escolhe a situação humana mais difícil: a dor física e moral. Nela, a tentação do interesse pessoal e de tudo medir em categorias de prêmio e de castigo, é maior<sup>13</sup>.

Estão aí, pois, reveladas as grandes questões que conduzem essa obra: É a troca de nada que Jó permanece na retidão e fiel a Deus? Continuará ele fiel a Deus na desgraça e no sofrimento? É possível uma relação gratuita com Deus, despojada de qualquer interesse? E ampliando essas interrogações para o nosso fazer teológico e prática pastoral: Como pensar a religião e a nossa vida a partir da experiência de Deus e não de uma teoria a respeito Dele? Como nos libertar da prisão das ideias feitas, isto é, de nossos pré-juízos, pré-conceitos e preconceitos? Enfim, faz sentido dizer “Deus”, “Javé”, “Pai” quando se está na dor, no sofrimento e na dificuldade extrema, que atinge até “nossa pele e nossos ossos”?

Já no início do livro aparece a doutrina da retribuição: *Satanás* desconfia de que haja segundas intenções por detrás de toda a fidelidade de Jó. Induz que Jó permanece numa fidelidade cômoda por causa da proteção e da bênção. “Satã respondeu a Javé: ‘E é a troca de nada que Jó teme a Deus? Tu mesmo puseste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens. Abençoaste os trabalhos dele e seus rebanhos cobrem toda a região’ (Jó 1,9-10). E acrescenta: “Estende, porém, a mão e mexe no que ele possui. Garanto que ele te amaldiçoará na cara!” (Jó 1,11). Mais adiante, mediante a perseverança de Jó, insiste com Deus: “Estende, porém, a mão e o atinge na carne e nos ossos” (Jó 2,5). Diante disso, Satã imagina que o “servo fiel” não resistirá, amaldiçoando, então, a Deus pelos males sofridos.

<sup>13</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Uma reflexão sobre o livro de Jó. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 42.

### *A teologia dos amigos de Jó*

Para Elifaz, Baldad e Sofar, o sofrimento de Jó é um caso entre tantos outros que se encaixam no paradigma da retribuição. Ambos não têm dúvidas de que existe uma conexão entre o agir do homem e o que lhe acontece. Deus garante a conexão entre agir e acontecer. Ele castiga o ímpio e agracia o justo, reto e piedoso. Logo, se Jó amarga tamanha infelicidade, é porque pecou gravemente. A razão do seu sofrimento é a própria culpa que ele carrega consigo.

Os diálogos entre Jó e os três amigos acontecem em três ciclos ou blocos. Em cada um deles, as falas de Jó e de Elifaz, Baldad e Sofar, respectivamente, ocorrem de maneira intercalada. Elifaz é o primeiro a se dirigir a Jó: “Lembre-se bem: quando é que um inocente pereceu, e quando é que os homens retos foram destruídos? Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem. Deus sopra, e eles perecem; o sopro de sua ira os consome” (Jó 4,7-9). Jó deve reconhecer sua culpa e pedir perdão a Deus por ela. Elifaz: “Em seu lugar, eu recorrería a Deus, e poria a minha causa nas mãos dele” (Jó 5,8).

Baldad reafirma o dogma da retribuição ao expressar:

A luz do injusto se apagará, e o fogo do seu lar não brilhará mais. (...) A sua prosperidade se transformará em carestia (falta, carência), e a desgraça estará de pé a seu lado. A doença devorará sua pele, e a peste rói seus membros. (...) Sua lembrança desaparecerá da terra, e seu nome será esquecido na vizinhança. (...) Não terá família nem filhos entre seu povo, e não deixará sobrevivente em seu território. (...) Esse é o destino do injusto, a situação de quem não reconhece a Deus (Jó 18,5.12-13.17.19.21).

Sofar, por sua vez, toma o partido dos amigos e entra na lógica da acusação. Jó teria conquistado todos os seus bens e riquezas à custa dos pobres. Sendo assim, ele não passava de um injusto que deveria, por isso, ser castigado. A exemplo do que acontecia com aqueles que “Deus” desaprovava, Sofar faz previsões para Jó e sua família ou descendência:

Os olhos que o viam, não o verão mais, e a sua morada não mais o reconhecerá. Seus filhos terão que indenizar os pobres; suas próprias mãos devolverão suas riquezas. (...) Terá que devolver, sem usar, os frutos do seu trabalho, e não desfrutará do que ganhou no comércio. Porque explorou e desamparou os pobres. (...) Essa é a parte que Deus reserva para o injusto, essa é a herança que Deus lhe prepara (Jó 20,9-10.18-19.29).

O paradigma que guia Elifaz, Baldad e Sofar não oferece alternativas ao sofrimento. Se Jó chegou à tamanha ruína, deve ter cometido algum erro muito grave.

O único caminho que lhe resta é reconhecer seu erro e buscar a retratação com Deus. Os amigos não se dirigem a Jó dispostos a escutá-lo, compreendê-lo e condolere-se com sua dor (como em Jó 2,11-13); mas, apresentam-se com certezas e evidências já formuladas, com argumentos pré-concebidos e preconceituosos, arrogando-se o direito de saber das coisas antecipadamente. Propõem-lhe um “consolo” (falso consolo) sem, ao menos, haver querido escutar a queixa do sofredor.

Existe (des)velada aí uma conexão entre agir e acontecer como uma ordem intramundana que demonstra a sua força no modo como condiciona e manipula a crença dos homens. Este é o sustentáculo do sistema dos amigos: A fé na justa retribuição divina. “Deus” (da forma como é concebido) vira refém de um sistema de pensamento, onde se espera que Ele apenas reaja correspondentemente à iniciativa humana. É o homem que ousa dispor de Deus para a corroboração de seus interesses. O esquema teológico dos amigos ludibria-nos em relação a realidade, fazendo-nos crer que nenhum inocente perece; se algo de ruim acomete o humano, é porque este assim fez por merecer. Jó, em suma, é vítima de seu próprio pecado.

Terrien argumenta que, para Elifaz, Baldad e Sofar,

a religião é mercado, a humildade, uma apólice de seguro, e a moralidade, uma moeda que compra a paz da alma e a prosperidade. Na superfície, eles professam um credo magnífico, e o seu teísmo parece sem mancha. Em profundidade, a sua crença não é a fé. (...) Não é Deus que eles defendem, mas a sua necessidade de segurança. Eles afirmam seu orgulho condenando Jó, e revelam a qualidade particular de seu pecado de ‘gente da igreja’ quando prestam homenagem à soberania divina. Como todos os que se arrogam o direito de falar em nome de Deus (15,11), eles tentam pateticamente impor sua finitude ao infinito, e, com isso, correm o risco de perder a virtude elementar da compreensão e da amizade. A presunção desses homens ‘honestos’ é comparável então a das pessoas arrogantes ‘que têm Deus na palma da mão’ (12,6). O seu teísmo se transformou numa forma refinada de idolatria<sup>14</sup>.

O consolo oferecido pelos amigos, pouco ou nenhum resultado tem para Jó. Não faz efeito porque eles não olham a partir da experiência vivida pelo amigo. O palavrório de Elifaz, Baldad e Sofar é ineficaz em consolação, revelando a sua incapacidade de sofrer com Jó. “Caminhar com Jó até a beira de sua revolta, aceitar encarar junto com ele o que o angustia, seria para os três amigos pôr em risco a sua fé; ou, então, eles se sentem tão seguros da verdade, para correrem o risco de

<sup>14</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 49-50.

ainda precisarem procurá-la”<sup>15</sup>. Por isso, investem suas energias e argumentos para persuadir o sofredor sobre sua culpa, transformando-se, assim, em “consoladores importunos” a jogar “palavras de vento”.

Em suma, a teologia predominante é a que vale; e esta não precisa ser questionada, nem modificada. A crise de Jó e a da própria época nele representada não interferem nos pressupostos fixos dos três personagens. Empenham-se, unicamente, em repetir dedutivamente “verdades” herdadas e julgadas “eternas e imutáveis”, não se condolendo com Jó e o sofrimento de tantos outros.

### *Paciência tem limite: a rebeldia de Jó*

Embora Jó seja muito conhecido pela sua paciência (daí a expressão “paciência de Jó”), não é essa a postura do conjunto do livro. Com exceção dos dois primeiros capítulos e de um trecho do último, a obra possibilita perceber um forte questionamento à Teologia da Retribuição. O Jó da parte poética, correspondente a maior parte do livro (cap. 3 – 42,6), não é um homem paciente. Trata-se de um sujeito indignado, inconformado, revoltado, enfim, um crente rebelado contra o sofrimento inocente e contra a teologia que o justifica.

Vocês são apenas manipuladores de mentiras, são todos meros charlatães. Oxalá vocês ficassem calados! Seria o melhor ato de sabedoria. Ouçam agora a minha defesa, prestem atenção aos meus argumentos. Ou vocês preferem defender a Deus, usando mentiras e injustiças? (Jó 13, 4-7).

É perceptível, neste trecho, a recusa de Jó a um fazer teológico que considera as condições concretas, o sofrimento e as (des)esperanças dos seres humanos. Os amigos são irredutíveis em seus discursos, não mostrando qualquer comiseração com o que vive e padece Jó. Por isso, viram “consoladores inoportunos”, não ajudando em nada a aliviar a dor de quem os escuta. Não revelam o Deus intuído por Jó a partir de sua fé e de seu sofrimento.

Diante disso, as palavras de Jó constituem uma dura crítica a todo fazer teológico desvinculado da existência humana, órfão do contato com a realidade e da compaixão humana. Jó está convencido de que “o método teológico de seus amigos vai dar no vazio e no desprezo do ser humano e, portanto, também na deformação

<sup>15</sup> LÉVÊQUE, Jean. *Jó: o livro e a mensagem*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 30.

do rosto de Deus”<sup>16</sup>. Haveria alguma possibilidade de Direitos Humanos neste contexto? Que humanidade poderia ser resguardada, protegida e atendida com base exclusiva nesse legalismo retribucionista?

O Jó rebelde faz parte de toda uma geração que não mais aceita como herança uma fé inquestionável. A resposta tradicional para a questão da dor e do sofrimento não ajuda Jó e seus contemporâneos a entender e explicar as suas experiências. Não consegue mais achar qualquer sentido para uma vida de sofrimentos. Por isso, insiste na oportunidade de uma prestação de contas, a fim de poder compreender as razões da “justiça divina”. É como se perguntasse: por que isso Deus?

Contudo, Jó enfrenta um grande dilema: mesmo em meio aos questionamentos por ele levantados, também está inserido no paradigma da retribuição. O “servo sofredor” age bem ao recusar a orientação dos amigos, a saber, de admitir que havia pecado e, a partir daí, arrepender-se para ser perdoado e resgatado por Deus. No entanto, continua pautado no princípio tradicional da recompensa quando argumenta com Javé. Ao afirmar que seu sofrimento é um castigo, a exemplo dos três amigos, apela a um Deus juiz e retribuidor, na esperança de que Este possa lhe dizer no que errou ou, por outro lado, reconhecer a sua inocência e integridade. Aí reside a “armadilha criada pelo dogma da retribuição: ou Deus está certo e Jó errado, ou Jó é inocente e Deus é culpado”<sup>17</sup>.

### *Jó conhece um outro Deus*

A experiência de sofrimento vivenciada por Jó possibilitou o desvelamento de uma outra dimensão teológica até então escondida: o caráter indisponível de Deus. O livro vai fornecendo pistas de que a situação existencial do personagem não pode, simplesmente, ser entendida sob a ótica de uma justiça vindicativa de Deus. A doutrina tradicional da retribuição não é suficiente para explicar a realidade misteriosa e incontrolável de Deus, que transcende o paradigma representado nos

---

<sup>16</sup> HEINEM, Karl. *O Deus Indisponível*. O livro de Jó. Trad. J. Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 64.

<sup>17</sup> STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jó*. O desafio da verdadeira religião. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 68-69.

discursos dos três amigos. Em contraposição à essa concepção, nasce outra perspectiva teológica: a do Deus indisponível.

Essa nova forma de compreender a relação entre ser humano e Deus não se sustenta mais na explicação do sofrimento e da dor estritamente por uma pretensa culpabilidade. Não que tal concepção seja totalmente extinta ou renegada, mas o foco da questão é redimensionado. Provações, dificuldades e problemas não podem, unicamente, ser explicados dentro da concepção rígida da retribuição. Na medida em que Jó não aceita mais a teoria tradicional em nome da vida, os amigos, que não sentem o fardo pesando sobre o corpo todo, estão indispostos a aceitar a evidência dos fatos, permanecendo coerentes ao sistema religioso da época. Assim, preferem resguardar a sua suposta certeza religiosa e intelectual, rompendo a amizade pelo inocente sofredor representado em Jó.

A resposta de Deus não põe em dúvida, propriamente, a inocência de Jó. “Em sua resposta a Jó, representante por excelência do ‘bom’ deste mundo ‘civilizado’, Deus faz ver o ‘outro’ reino a seu redor que Jó obviamente ainda não conhecia muito bem, mas que era base (...) para sua própria existência”<sup>18</sup>. Numa releitura para a proposta deste Congresso de Teologia, é como se nós igualmente fôssemos chamados a pensar e reorganizar o nosso fazer teológico a partir das múltiplas vozes que coabitam a nossa sociedade.

O autor do livro parece revelar o segredo na culminação de sua obra. A intenção principal, até então camuflada, consiste em mostrar a divindade de Deus, a humanidade do homem e a natureza específica da relação entre ambos. Jó “aprende que Deus está mais longe e mais alto do que os ideais e as tradições dos homens. Na presença do sagrado, mas de um sagrado personalizado (42,5), o desejo da quitação se torna supérfluo”<sup>19</sup>.

Ao dizer “Eu te conhecia só de ouvir. Agora, porém, os meus olhos te veem” (42,5), Jó dá sinal de estar vivendo uma experiência diferente com Deus, que transcende um relacionamento retributivo. De acordo com Storniolo, a expressão “*Eu te conhecia só de ouvir*” se refere à teologia tradicional, e principalmente ao dogma da retribuição apregoado pelos seus amigos, representantes oficiais da

---

<sup>18</sup> VAAGE, Leif E. Do meio da tempestade: a resposta de Deus a Jó – Sabedoria bíblica, ecologia moderna, vida marginal. Uma leitura de Jó 38,1 – 42,6. *RIBLA*, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 21, p. 63 – 77, 1995. p. 76.

<sup>19</sup> TERRIEN, 1994, p. 56.

religião”<sup>20</sup>. Ao desafiar e, mais tarde, superar tal concepção teológica, Jó conhece um Deus que muito mais comprometido com a vida das pessoas, apesar de todos os males que acontecem e dos pecados cometidos pela humanidade.

A nova experiência da realidade estraçalha toda sua pretensão perante Deus. O que Jó temia aconteceu: não consegue contradizer a Deus. A vida é algo muito mais amplo do que aquela experiência inicial de Jó podia representar.

Inesperadamente, ele tomou o exemplo clássico do homem íntegro atirado na adversidade. A situação do Jó da lenda permitiu-lhe perscrutar o homem enquanto homem, despojado de todos os reconfortos e de todas as ilusões. Explorando o desconhecido teológico, ele foi conduzido a pedir que fosse lançada uma ponte entre o *Deus incognitus* e o homem abandonado no universo. Finalmente, aprendeu que a religião e a moralidade não conferem nenhum direito à felicidade e se achou então no limiar de um novo reino de ser, no qual a graça é suficiente<sup>21</sup>.

A relação que, agora, ele estabelece com o divino, leva-o a um novo conhecimento de Deus e lhe oferece alicerces para uma prática religiosa diferente. Conhecê-Lo com os olhos significa compreender de modo diferente a vivência da fé, talvez com maior profundidade; é poder ir além do que era aceito na época como teologia oficial predominante; significa fazer uma experiência pessoal com o divino; enfim, é encontrar uma maneira mais próxima de sentir e falar de Deus. Até então, o contato de Jó com o divino tinha sido apenas “de ouvido”. Ou seja, o conhecimento que tinha de Deus estava condicionado pela ótica da retribuição. Agora, contudo, o protagonista do livro alcança uma religiosidade renovada: Seus olhos veem Deus bem próximo da sua situação concreta. Não nas elucubrações teológicas tradicionais de sua época, e sim na ressignificação de sua própria realidade. Este é o Deus verdadeiro para Jó, Aquele que lhe faz sentido.

Jó compreende que Deus é maior do que tinham lhe ensinado, enxergando outras possibilidades ou outros “óculos” para falar do divino. Óticas teológicas que não conseguem esgotar o falar, o ouvir, o pensar, o encontrar-se com Deus. Fazeres teológicos que podem ajudar a refletir sobre os Direitos Humanos, procurando perceber a humanidade e divindade desses direitos em favor de todos, principalmente daqueles que deles estão privados ou que são vítimas de legalismos.

---

<sup>20</sup> STORNILOLO, 1992, p. 71.

<sup>21</sup> TERRIEN, 1994, p. 44.

## CONCLUSÃO

O estudo do livro de Jó traz alguns alertas importante para nossa pastoral e nosso fazer teológico, entre eles o perigo de se tomar o lugar de Deus. Trata-se da ambiciosa vontade humana de possuir a divindade, de se igualar ao Senhor para lhe pedir contas e até mesmo para julgá-lo; de colocar nossos interesses individuais como prioritários, concedendo-nos o direito de justificar tudo com critérios por nós criados e inventados, inclusive, guerras e todos os demais tipos de morte. Nessa lógica, Deus passa a ser concebido de acordo com nossas medidas. Fica alheio “à nossa imagem e semelhança, um Deus ao nosso serviço, que tem os mesmos nossos sentimentos e que ‘funciona’ segundo nossos esquemas; nossos ou da nossa sociedade, do nosso sistema”<sup>22</sup>, muitas vezes, sustentando-o e legitimando-o.

Parece que Jó foi libertado do “olho invejoso e mau” que enrijece e petrifica a vida humana; “olhar nebuloso” que visa impor barreiras à graça, à liberdade e à bondade divina, “que não dá lugar à generosidade e – o que é pior – que quer inclusive pôr-se no lugar de Deus”<sup>23</sup>. A nova maneira de se relacionar com Javé significa a libertação de Jó, a possibilidade de uma vida não aprisionada na estreiteza de uma concepção que só permite olhar a realidade sob uma única perspectiva. Em síntese, a nova experiência é inspirada no amor constante e na gratuidade inesgotável de Deus.

Ao levantar questionamentos à Teologia da Retribuição, o livro de Jó não nos isenta da necessidade de buscarmos ser justos, mas nos orienta sobre a tentação de prender Deus dentro de uma concepção estreita de justiça, fundamentada, unicamente, no direito estabelecido. Não negamos a importância de observar determinados comportamentos ou preceitos éticos estabelecidos; todavia, acima de tudo é conveniente manter o cuidado para com os limites que a doutrina das recompensas e dos castigos encontra no seio da existência humana.

Assim como Jó se vê transformado depois de ter visto o Senhor, nós também vemos, nessa obra, a oportunidade de uma releitura de nossa experiência de fé e de nossas crenças. Está-nos claro que a imagem de Deus a ser cultivada e propagada

---

<sup>22</sup> GALLAZZI, Sandro. O grito de Jó e de sua mulher. *RIBLA*, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 52, p. 39-65, 2005. p. 56.

<sup>23</sup> GUTIÉRREZ, 1987, p. 147.

não é a de um ser retribuidor, mas, prioritariamente, de alguém que age pela graça. O Deus no qual nós cremos não pode ser considerado “um tapa-buracos”; “não deve ser reconhecido apenas nos limites de nossas possibilidades, mas no centro da vida; Deus quer ser reconhecido na vida, e não só na morte; na saúde e na força, e não apenas no sofrimento; no agir, e não só no pecado”<sup>24</sup>. E tomamos permissão para acrescentar: Deus não quer ser reconhecido unicamente como retribuidor, mas como graça. É na sua gratuidade e na sua liberdade que cremos encontrar sua grandeza, sua força, seu poder, em suma, sua indisponibilidade.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Walmor Oliveira de. O homem e a existência na literatura sapiencial. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 48, p. 19 – 24, 1996.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. 37ª impressão. São Paulo: Paulus, 2000.
- DIETRICH, Luiz José. Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 30, p. 32 - 43, 1991.
- FORTE, Bruno. *À escuta do Outro*. Filosofia e revelação. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GALLAZZI, Sandro. O grito de Jó e de sua mulher. *RIBLA*, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 52, p. 39-65, 2005.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Uma reflexão sobre o livro de Jó. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- HEINEM, Karl. *O Deus Indisponível*. O livro de Jó. Trad. J. Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LEON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona, ESP: Herder, 1966.
- LÉVÊQUE, Jean. *Jó: o livro e a mensagem*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MURPHY, Roland E. *Jó e Salmos*. Encontro e confronto com Deus. São Paulo: Paulinas, 1985.
- PEIXOTO, Western Clay. A experiência de Deus nos sapienciais. Sabedoria. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 48, p. 49 – 53, 1996.

<sup>24</sup> FORTE, Bruno. *À escuta do Outro*. Filosofia e revelação. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 155.

REIMER, Haroldo. *Eclesiastes e a ruptura com a Teologia da Retribuição*. Disponível em: <[http://www.haroldoreimer.pro.br/Eclesiastes/ruptura\\_com\\_a\\_teatologia.htm](http://www.haroldoreimer.pro.br/Eclesiastes/ruptura_com_a_teatologia.htm)> Acesso em: 15 out. 2008 - 11:23. (Originalmente publicado em REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes. A sabedoria do viver e conviver*. CEBI, São Leopoldo, RS, p. 31 – 33, 2006).

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Teologia do Sofrimento: uma leitura a partir de Jó*. Disponível em: <[http://www.espacodasophia.com.br/edicoes\\_antteriores/07-07/colaboradores/luiz\\_alexandre/luiz.pdf](http://www.espacodasophia.com.br/edicoes_antteriores/07-07/colaboradores/luiz_alexandre/luiz.pdf)> Acesso em 14 out. 2008 – 14:32.

STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Jó*. O desafio da verdadeira religião. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

TERRIEN, Samuel. *Jó*. São Paulo: Paulus, 1994.

VAAGE, Leif E. Do meio da tempestade: a resposta de Deus a Jó – Sabedoria bíblica, ecologia moderna, vida marginal. Uma leitura de Jó 38,1 – 42,6. *RIBLA*, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 21, p. 63 – 77, 1995.

WOLDE, Ellen Van. Perspectivas diferentes sobre fé e justiça. O Deus de Jacó e o Deus de Jó. *Concilium*, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 307, p. 17 – 24, 2002.